

CORPO QUEER NÃO CONFORMANTE NO ESPAÇO NÃO URBANO

RAQUEL SANTANA BETUN¹; ALICE JEAN MONSELL²

¹Centro de Artes/Universidade Federal de Pelotas – raquelsbetun@gmail.com

²Centro de Artes/Universidade Federal de Pelotas – alicemondomestico@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No presente texto, resumirei minha pesquisa em artes visuais, na qual abordo a minha produção artística e sua poética visual, esta que detalho mais aprofundadamente no artigo completo *Gênero e Corpos Não-Conformantes em Sobreposições Fotográficas a partir de Práticas Ambientais Não Urbanas* (BETUN; SIQUEIRA. 2019), apresentado pela autora deste texto no evento Simpósio Internacional Gênero Arte e Memória - VI SIGAM. Farei uma introdução a algumas obras de minha produção artística fotográfica e apresentarei uma breve síntese sobre minha pesquisa em poéticas visuais em andamento. As produções que serão citadas no texto surgiram a partir de inquietações pessoais sobre heteronormatividade, questões de binaridade e não-binaridade de gênero, tendo como principal referência bibliográfica a escritora Judith Butler.

Este trabalho está vinculado à minha atuação como bolsista de iniciação científica (PBIP-AF/UFPEL) entre o período de 01 Agosto de 2019 e 31 de Julho de 2020 do projeto de pesquisa *Sobras do Cotidiano e Contextos dx Artista em Deslocamento* do Centro de Artes da UFPEL, vinculado ao grupo de pesquisa *Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas* (CNPq/UFPEL), coordenado pela prof^a. Dra. Alice Jean Monsell.

2. METODOLOGIA

Minha produção artística partiu do interesse de trabalhar com práticas corporais, comecei com fotografias de meu corpo. No começo eram fotografias simples, tiradas em casa, capturadas por mim usando um celular comum. Conforme a minha produção foi amadurecendo, comecei a realizar fotografias de corpos nus (o meu e o de colaboradores) em contextos não urbanos. As práticas, até o presente momento, foram realizadas em um ambiente não urbano da cidade Capão do Leão/RS.

Uso da fotografia para mostrar relações entre o corpo humano e a natureza/meio ambiente e o caminhar em contextos não urbanos. A caminhada é importante para o processo de criação das fotografias que retratam figuras humanas nuas. Estas fotografias foram feitas graças à colaboração de Gabriel Martins dos Santos, que realizou alguns registros fotográficos do meu corpo e William Alexander Silva de Siqueira que atuou como modelo em fotos tiradas por mim.

Os registros fotográficos obtidos, após a caminhada para esse lugar não urbano, passaram por manipulações digitais, realizadas utilizando o SnapSeed, aplicativo para edição de imagens voltado para dispositivos Android e iOS. Trabalhei com o efeito de dupla exposição e transparência, fazendo uma sobreposição de duas imagens, assim criando imagens experimentais das quais eu não sabia os resultados. Essas imagens experimentais passaram por uma seleção, momento em que escolhi as fotos resultantes que mais se aproximaram de meus interesses poéticos.

Utilizo um conceito de Lancri para a elaboração da minha pesquisa em poéticas visuais, que sugere que somente após a produção da obra e a reflexão sobre ela é realizada a escrita sobre a poética visual:

O ponto de partida da pesquisa situa-se, contudo, obrigatoriamente na prática plástica ou artística do estudante, com o questionamento que ela contém e as problemáticas que ela suscita. [...] A parte da prática plástica ou artística, sempre pessoal, deve ter a mesma importância da parte escrita da tese à qual ela não é simplesmente justaposta, mas rigorosamente articulada [...]. (LANCRI, 2002, p. 19-18)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a leitura de Careri, pude perceber que o caminhar podia ser o início de uma produção artística, ou uma ação artística em si:

O caminhar é uma arte que traz em seu seio um menir, a escultura, a arquitetura e a paisagem. A partir dessa simples ação foram desenvolvidas as mais importantes relações que o homem travou com o território. (CARERI, 2013, p. 27)

Em minha produção, usei o caminhar para um local em meio à natureza, onde eu e as pessoas que fotografasse pudessem se sentir confortáveis. Durante esse deslocamento, eu pude perceber a ação do ser humano na natureza e como aquele ambiente deixou de ser natural por isso.

Para realizar as fotografias, procurei um ambiente ao ar livre que seria o destino da caminhada, no qual eu pude me despir sem preocupações e sem precisar sentir vergonha, pois não havia pessoas que me julgariam e julgariam o meu corpo de acordo com padrões de estética corporal. O conceito que desenvolvi para chamar este “local” é um espaço “não-urbano”, que se discute no texto *Gênero e Corpos Não-Conformantes em Sobreposições Fotográficas a partir de Práticas Ambientais Não Urbanas* elaborado para o evento SIGAM VI:

Ao fotografar nossos corpos num contexto não urbano, deslocamos nossos corpos do centro da cidade para procurar um outro lugar onde poderíamos nos expressar – um lugar que não é natural, e nem urbano, é o “não urbano” – é um espaço criado para corpos não-conformantes que existem num espaço imaginário – da imagem – e da identidade construída de si. (BETUN; SIQUEIRA, 2019)

Com as manipulações digitais realizadas por mim, criei um corpo de múltiplos membros (Figura 1) que não se encaixa nos modelos binários de gênero: homem ou mulher; mas sim o não binário. Essas manipulações digitais da imagem abrem múltiplas possibilidades de exploração do meu processo criativo. Através da escolha de sobrepor um corpo considerado socialmente como o de uma mulher e o corpo considerado socialmente como o de um homem, procuro suscitar um questionamento sobre essa binaridade de gênero que nos é imposta e a desconstrução desta.



Figura 1. Raquel Betun, *Sem título*, fotografia, 2019

É no espaço plástico que o artista projeta, ao mesmo tempo, seu imaginário, seu inconsciente, suas emoções, suas paixões, desejos e os valores culturais do espaço social que ele vive as suas experiências. [...] o artista questiona os valores sociais admitidos, sendo este utilizado como meio de contínuas reflexões e possíveis rupturas. (KERN; ZIELINSKY; CATTANI, 1995, p. 30).

Neste espaço plástico da imagem, projetei inquietações pessoais acerca de gênero, tentando tornar visível o *queer*, contrapondo o jeito que as pessoas querem nos ver, determinar o jeito que somos, como nossos corpos devem parecer de acordo com padrões de estética corporal. Também procuro instigar um questionamento sobre o gênero, “uma identidade tenuemente constituída no tempo” (BUTLER, 2003).

Também projeto neste espaço plástico relações pessoais de afeto não-romântico e romântico entre pessoas *queer*. Um afeto que não possui intenção sexual, é apenas simples e amoroso. Através da sobreposição de duas fotos, obtive uma imagem (Figura 2) de duas pessoas que parecem estar deitadas juntas, mas que na verdade não estavam na imagem original. Essas pessoas quase se encaixam, mesclando seus membros do corpo, como se fizessem parte um do outro.

As obras citadas neste texto foram expostas nas exposições *Pandora* (Figura 1) do VI SIGAM e *Sobras do Cotidiano II: Deslocar, (Re)ver e Transformar* (Figura 2).



Figura 2. *Seminibus*. Fotografia Digital. Raquel Betun, 2019.

4. CONCLUSÕES

Por me reconhecer como pessoa *queer*, e por observar que minha arte trata diretamente o *queer*, por realizar fotografias de corpos de pessoas que não se encaixam na cis heteronormatividade, estou me reconhecendo como artista que faz parte do movimento *Queer Art*.

Me sinto pertencente quando estou com pessoas semelhantes a mim e, através da minha arte, quero que as pessoas se sintam acolhidas e vistas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETUN, R. S.; SIQUEIRA, W. A. S.. Gênero e Corpos Não-Conformantes em Sobreposições Fotográficas a partir de Práticas Ambientais Não Urbanas. Orientadora: Alice Jean Monsell. In: **Simpósio Internacional Gênero Arte e Memória**, VI., Pelotas, RS. Anais. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/artenaescola/noticias/disponiveis-para-leitura-os-anais-do-vi-sigam/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: O caminhar como prática estética. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.

LANCRI, Jean. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). **O meio como ponto zero**: metodologia de Pesquisa em Artes Plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p.19.